

ISSN 2176-5960



ΠΡΟΜΕΘΕΥΣ

Journal of Philosophy

n. 32 Janeiro Abril de 2020



NOTA DE PESQUISA

A AFROCENTRICIDADE E SEUS DESAFIOS

Valter Duarte
Doutorando em Filosofia /UERJ

A Afrocentricidade, metodologia utilizada para a elaboração dos trabalhos mencionados no resumo deste ensaio, constitui uma ideia filosófica, uma abordagem epistemológica e um procedimento metodológico de pouco conhecimento no Brasil, dentro e fora do ambiente acadêmico. Como ferramenta didática, apresentaremos de maneira bastante sucinta seus aspectos mais fundamentais, em seguida apresentaremos de forma panorâmica o contexto que justifica a escolha e a importância da Afrocentricidade enquanto método de pesquisa.

A ideia afrocêntrica foi formulada pelo filósofo afro-americano Molefi Kete Asante em 1980. Em seu texto *Afrocentricidade: Uma Abordagem Epistemológica Inovadora*, publicada em 2009 no Brasil pela editora Selo Negro, Molefi Asante fala um pouco sobre o que constitui e o que significa afrocentricidade. Segundo esse filósofo, a *ideia afrocêntrica* se refere à proposta epistemológica de lugar. Um leitor e uma leitora não acostumados com a terminologia técnica da produção filosófica com certeza irão se perguntar: *O que é uma proposta epistemológica?* Em meados do século XX, um grupo de filósofos europeus se uniu para tratar do estudo sobre como os povos organizam seu conhecimento, isto é, sobre como o ser humano experimenta o mundo e organiza tais experiências. Esse estudo sobre como

armazenamos nossas experiências e as transformamos em informações ficou conhecido como *epistemologia*. O vocábulo “epistemologia” é resultado da composição dos termos *Episteme e Logos*. A palavra *Episteme*, derivada do termo grego ἐπιστήμη, significa “conhecimento”, enquanto que a palavra *Logos* é derivada do termo grego λόγος, que significa “estudo”, “discurso”. A comunicação desses termos compõem o que veio a ser entendido como o estudo de como se estabelece o conhecimento humano.

Entretanto, por muito tempo não nos é novidade que os povos africanos não estão elencados nesse hall de tipos de epistemologias, isto é, de maneiras de conhecer o mundo: somos expostos exaustivamente à produção grega, a alemã, a francesa, a inglesa e a americana, mas o mesmo não ocorre em relação à produção africana acerca do mesmo tema. E é essa a proposta de Molefi Asante ao sistematizar o método da afrocentricidade. Essa ideia se refere a uma proposta epistemológica africana, ou seja, de estudo do modo de conhecer desses povos, o que não se limita a isso. Tal perspectiva parte da constatação de que os povos não-europeus, sobretudo os africanos, tem sido deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos. Sendo de tal maneira importante que qualquer avaliação de suas condições seja feita com base em uma localização centrada na África e em sua diáspora, já que os africanos vem atuando na margem da experiência eurocêntrica.

Como constata Asante, fomos apresentadas e apresentados unicamente ao modo europeu de conceber o mundo. Os nossos símbolos são símbolos da Europa, a nossa linguagem tem uma raiz europeia, a nossa religião é uma religião europeia. Os padrões de beleza propostos para nós são padrões estéticos europeus. Dessa maneira, sobretudo no Brasil, estando todos e todas nós inseridos nessa estrutura cultural eurocêntrica particular e excludente, aquela e aquele que não compartilham desses traços sentem-se deslocados. Não sendo representados nos diversos meios de difusão cultural, ou, nas poucas vezes em que são retratados, o são a partir de estereótipos coloniais de hiper-sexualização dos seus corpos e ausência de princípios morais, por exemplo. É comum e recorrente a representação das produções culturais desses povos como primitivas, ou, na melhor das hipóteses, como padrão estético criminoso. Expressões como “musica de bandido” atribuídas ao samba, ou ainda, “coisa de bandido”, atribuídas à prática da capoeira e do boxe, por exemplo, apresentam-se como grandes sintomas desse fenômeno, o qual se estabeleceu pelo fato de que a cultura na qual estamos inseridos estar fundamentalmente pautada a partir de um lugar eurocêntrico, a partir de um lugar ocidental.

Molefi Asante visou resolver esse problema trazendo à luz o modo de pensar e o modo de conhecer africanos, iniciativa fundada a partir de um processo de conscientização de um povo que existia a margem da educação, da arte, da ciência, da economia, da comunicação e da tecnologia, tal como definidas pelo Ocidente. Quando levado a cabo, esse processo de recentralizar cria uma nova realidade e abre um novo capítulo na libertação da mente humana da psicopatologia do racismo. Assim, nós podemos analisar as relações humanas, as interações multiculturais, os textos, os fenômenos, os eventos, bem como a libertação humana pela perspectiva de uma nova orientação para os fatos. O propósito dessa perspectiva é criar espaço para seres humanos conscientes e culturalmente centrados se comprometerem com a produção e o desenvolvimento da alta cultura.

Essa ideia de conscientização da opressão que promovemos, aquela da qual somos alvos e das vitórias possíveis resultantes da atuação coletiva está no centro da afrocentricidade. O método afrocêntrico exige a conscientização sobre a agência de todos os povos para a constituição da historiografia humana e constituição da civilização tal qual conhecemos. Essa é a chave para a orientação e a recentralização desses povos, de modo que a pessoa possa atuar como agente, não como vítima, não como dependente, tampouco como coadjuvante, mas como protagonista da experiência humana.

Asante nos faz notar que por muito tempo foi negado aos povos negros, isto é, aos povos descendentes de africanos, indígenas e ameríndios a propriedade intelectual de diversos patrimônios imateriais da humanidade por um conjunto de dispositivos virtuais que o filósofo e jurista afro-brasileiro Silvio Luiz de Almeida chama de *racismo estrutural*. Em seu estudo, publicado em 2018 pela editora Letramento esse autor nos faz perceber que não se trata somente de uma marginalização, mas também de uma obliteração da presença, uma obliteração dos significados, um esquecimento das atividades e um apagamento das imagens desses povos em todos os setores da criação humana. Um processo que filósofos como a afro-brasileira Sueli Carneiro e o sul-africano Mogobe Ramose chamam de “epistemicídio”. O qual engendra toda a realidade negada e uma verdadeira depreciação da realidade espiritual e material da pessoa africana e indígena.

Existem 5 características mínimas pelas quais se constitui a Afrocentricidade: A primeira delas é o interesse pela localização psicológica, uma vez que se trata de uma epistemologia; A segunda é o compromisso com a descoberta do lugar africano como sujeito da história humana. Abandonar de uma vez por todas a concepção do povo africano como

contraparte do povo europeu e como marginal na construção da civilização. Os povos africanos, ameríndios e indígenas devem passar a ser vistos a partir de si mesmos, de suas próprias definições, reguladoras de suas próprias experiências, e não mais a partir da definição dos outros povos; A terceira característica é a defesa dos elementos culturais africanos; A quarta, o compromisso com o refinamento léxico, que significa que devemos introduzir, na linguagem, no vocabulário, nos modos de falar e na organização dessa fala, as características dos idiomas, das palavras e dos conceitos africanos; A última, e não menos importante característica é o compromisso com uma nova narrativa com a história da África, uma narrativa na qual os povos desse continente deixem de ser vistos como subumanos, ou primitivos, mas sim como um povo cuja história é muito anterior ao rapto para os demais continentes, à colonização e ao genocídio dos pelo menos 20 milhões de seres humanos. Evento chamado por Molefi Asante, Mogobe Ramose, Renato Nogueira e outras autoras como Diáspora Africana.

Tentando preencher essas lacunas, dirimir essa ausência e destacar a relevância da abordagem filosófica dessas questões, estaremos publicando, orientando e promovendo a publicação de uma série de textos autorais e de referência sobre a produção intelectual africana e de outros povos, contribuindo com o seu resgate cultural, amplificando o eco de suas vozes nos debates filosóficos nacionais e internacionais e ampliando o elenco de investigações e propostas filosóficas diante das questões mais fundamentais da existência humana.